

# Juíza suíça investiga denúncia de brasileiro agredido

Inquérito é mantido sob sigilo absoluto e por enquanto ninguém é acusado, já que versões apresentadas são conflitantes

Deborah Berlinck

Correspondente

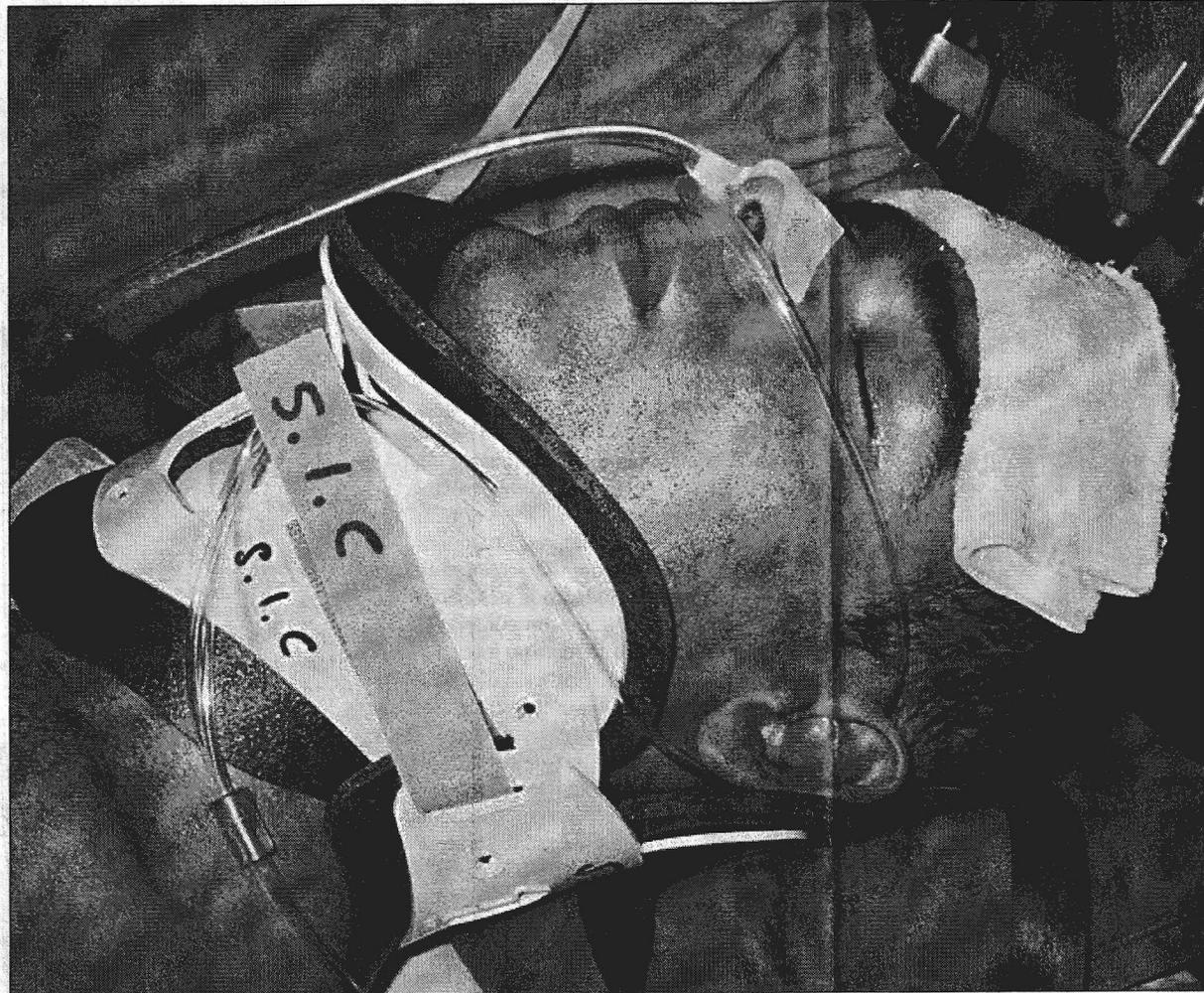
● GENEVRA. O procurador-geral de Genebra, Bernard Bertossa, acaba de nomear uma juíza de instrução para investigar, sob sigilo total, a denúncia de agressão sofrida pelo brasileiro Luiz Felipe Lourenço, que ficou tetraplégico, numa carceragem suíça. A juíza, cujo nome completo ainda não foi divulgado, já visitou a vítima, de 25 anos, no hospital. As investigações, segundo Bertossa, poderão durar meses e, como é praxe na Suíça, enquanto o inquérito não for concluído as partes envolvidas estão proibidas de falar com a imprensa. O procurador ainda não trata como acusado o carcereiro da prisão de Champ-Dollon em Genebra, a quem Felipe acusa de tê-lo jogado de cabeça, violentamente, contra a parede de uma cela. O nome do carcereiro também não foi divulgado.

O advogado de Felipe, o suíço François Canonica, entrou com uma queixa-crime contra o carcereiro por lesão corporal grave voluntária. Se ficar provado que é de fato culpado, ele poderá ser punido com seis meses ou até dez anos de prisão.

**Carcereiro alega que brasileiro se machucou sozinho**

O carcereiro apresenta uma versão diferente: a de que Felipe teria se jogado, sozinho, contra a parede, depois de se recusar a entrar numa pequena cela, um lugar de transição para o cárcere. Felipe foi preso sob a acusação de ter fraudado cartões de crédito e de estar ilegalmente na Suíça.

Neste momento ninguém está inculcado nesse caso. Por enquanto, há uma vítima que acusa uma pessoa. Mas essa pessoa nega ter cometido qualquer crime. Então nós precisamos averiguar afirmou o procurador, que reagiu com ironia ao ser informado de que o caso está provocando



O BRASILEIRO LUIZ FELIPE Lourenço no leito da UTI do Hospital Cantonal, em Genebra: denúncia de maus-tratos

indignação no Brasil.

— No Brasil ninguém nunca é ferido na prisão... — afirmou.

Operado domingo, Felipe está internado na UTI do Hospital Cantonal de Genebra. Suas duas irmãs que moram em Genebra, Cátia e Angelita, consideram absurda a versão do carcereiro. Tanto elas quanto o advogado de Felipe recorrem à fisiologia para argumentar que uma lesão tão grave só pode ser provocada quando a pessoa sofre de surpresa um golpe violento, com os músculos relaxados. Por esta tese, se Felipe tivesse se jogado voluntariamente contra o muro, seus músculos teriam automaticamente se contraído, protegendo-o da lesão.

Os médicos do hospital que assistem Felipe estão proibidos de falar. Segundo a família, no hospital ninguém acredita na versão do carcereiro e até as enfermeiras estariam penalizadas.

**“Queriam que eu falasse. Olhe o meu galo na testa”**

Na versão da família, a violência teria ocorrido às 17h de domingo, embora Felipe só tenha chegado ao hospital tarde da noite e sido operado por volta da meia-noite. Com o corpo inerte sobre um leito da UTI, o rapaz contou ao GLOBO que fora preso no sábado às 9h, quando estava na casa da namorada suíça Kátia Precioso, de 19 anos, com quem

vive. Os policiais mostraram um mandado de prisão, com o qual conduziram à central de polícia Felipe, a namorada e outros dois amigos do casal também suspeitos de terem participado da fraude dos cartões de crédito. Felipe conta que começou a ser interrogado por um policial e, quando sentiu que estava sendo incriminado, pediu um advogado.

— Queriam que eu falasse. Olhe o meu galo na testa. Apanhei na delegacia — diz ele.

O brasileiro, a namorada e os dois amigos — um espanhol e uma suíça — dormiram na delegacia e no domingo foram levados num furgão da polícia à prisão de Champ-Dollon. Kátia conta

que no furgão, mesmo separados, Felipe conseguiu dizer-lhe que apanhara. Ao chegarem à prisão, foram novamente separados. O brasileiro foi levado para uma sala para ser interrogado por uma juíza encarregada da investigação da fraude do cartão de crédito. Ainda segundo Felipe, ao fim do interrogatório a juíza lhe disse que ele permaneceria na prisão. Todos os outros foram liberados. Nesse momento, ele pleiteou responder ao processo em liberdade, jurando inocência.

**Família confirma que vítima fraudou cartões de crédito**

A família não nega o envolvimento de Felipe no caso do cartão. Afirma que ele teria preenchido formulários-proposta que as empresas de cartão de crédito costumam distribuir no comércio para atrair novos clientes com dados falsos, inventando emprego, salário e endereço e, desta forma, recebido alguns cartões, que repassou para os dois amigos e a namorada. Quando a fraude foi descoberta, a polícia chegou ao nome de Felipe rapidamente. A família diz que o nome dele foi usado por um outro falsário brasileiro, que aplicara o mesmo golpe há cerca de um ano e já teria voltado para o Brasil.

Ainda segundo Felipe, no domingo, na prisão, quando ele contestou a ordem de prisão, a juíza que o interrogava chamou o carcereiro, que já conhecia o brasileiro. Felipe já havia sido preso e expulso da Suíça em 97, acusado de roubo de dois cheques da mãe da namorada. O carcereiro foi buscá-lo e, como Felipe se negava a entrar numa sala, foi agredido.

O jornal “Le Matin”, de Genebra, estampou ontem a notícia na primeira página. O relatório que a Anistia Internacional divulgará no próximo dia 17 denunciará violações de direitos humanos, sobretudo de estrangeiros, nas prisões e delegacias suíças. ■

Reprodução